



A Coxilha Nativista como espaço de reforço e legitimação da identidade cruz-altense e o papel da mídia local¹

Diulia Luísa Hartmann SOARES²

Fabiana ISER³

Universidade Cruz Alta, Cruz Alta, RS

Resumo

A identidade cultural é um assunto cada vez mais abordado em vários campos do saber, muito em razão das constantes mudanças na sociedade. O estudo apresentado aqui propõe uma reflexão sobre as identidades contemporâneas, buscando perceber como as identidades locais podem ser reforçadas a partir de referentes das identidades regionais e de que forma a mídia atua nesta relação. Toma-se como caso a cidade de Cruz Alta e o festival *Coxilha Nativista*, reconhecido evento de música gaúcha, observando-o enquanto espaço de reforço e legitimação da identidade cruz-altense. A proposta de estudo em desenvolvimento na UNICRUZ busca ser mais um referencial relacionado à temática a partir do entendimento de um processo peculiar, mas que introduz elementos importantes para se pensar a relação da identidade local e do regionalismo.

Palavras-chave: Identidades; cultura; regionalismo; mídia.

Introdução

Nos últimos anos os campos da antropologia, sociologia e comunicação têm voltado o olhar para a questão das identidades. A problemática passou a ser discutida com mais frequência à medida que fenômenos como o da globalização e do acelerado desenvolvimento tecnológico ganharam novas proporções no cenário contemporâneo. O interesse pela questão aumenta ao passo que novos processos sociais acontecem e alteram profundamente a forma de pensar o mundo e a inserção das pessoas nesse contexto. Assim, as identidades passam a ser objeto de reflexão e pensamento. Em meio

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior (IJ) 08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 31 de maio a 2 de junho de 2012.

² Acadêmica do 5º semestre do curso de Jornalismo da Universidade de Cruz Alta. Bolsista PIBIC. Email: diulia_soares@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Coordenadora do Projeto PIBIC. Coordenadora do Curso de Jornalismo da Universidade de Cruz Alta. Email: fabianaiser@yahoo.com.br.



à complexidade contemporânea, entende-se que novas identidades podem estar surgindo e as antigas podem estar sendo reformuladas através de novos referentes.

Considerando a relevância do estudo das identidades culturais, principalmente por elas serem constantemente objetos de pesquisa e reflexões na área da Comunicação Social nos últimos anos, o presente artigo apresenta uma pesquisa que vem sendo realizada na Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ, sobre a Coxilha Nativista, festival de música nativista realizado há 31 anos na cidade de Cruz Alta–RS, em sua articulação com a identidade cultural cruz-altense, a partir do entendimento deste evento enquanto espaço de reforço e legitimação dessa identidade. A pesquisa busca perceber se e de que forma o evento nativista pode ter contribuído ao longo dos anos para o sentimento de orgulho local e como a mídia local ajuda a constituir esse cenário através de suas coberturas referentes ao festival.

Através deste trabalho pretende-se contribuir no debate das identidades contemporâneas, além de aprofundar o entendimento sobre a importância da Coxilha Nativista enquanto referência para a identidade local. Então, a partir dos dados coletados e analisados, será promovida esta reflexão. A pesquisa vem sendo desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas Iniciação Científica (PIBIC) da UNICRUZ, por meio de pesquisas bibliográficas, pesquisa de campo e análise dos dados coletados.

Identidade cultural na contemporaneidade

A autora Nilda Jacks (1998, p. 03) define a identidade como “uma consciência coletiva, um reconhecimento dos processos socioculturais em curso. Este processo é fruto de um sentimento maior intrínseco ao indivíduo desde o nascimento, quando começa a inserir-se em determinada cultura”. Dentre os hábitos e costumes apreendidos no cotidiano, a identidade cultural mostra-se através de uma série de elementos, que evidenciam no comportamento do indivíduo a ligação com a terra de origem. Na reflexão de Krüger (1995, p.14), a identidade “é a consciência que temos de nós mesmos, de nossa origem, filiação, vínculo com os demais, bem como de atributos físicos e psicológicos, que nos distinguem e diferenciam uns dos outros”. Essa diferenciação é um dos aspectos importantes que atuam na conformação da identidade.

O indivíduo moderno, considerado unificado em outras épocas, atualmente é concebido por muitos autores como fragmentado. São proposições que apontam para identidades sociais e culturais em permanente mudança. Nas proposições trabalhadas



por Stuart Hall, busca-se argumentos para debater a questão. Ao tratar do assunto, o autor atenta para o fato de que, na atualidade, a identidade torna-se uma “celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987 apud HALL 2006, p.13).

Nesse sentido, pensa-se que não somente as identidades individuais como também as coletivas poderiam sofrer deslocamentos e processos de construção e reformulação na atualidade. Sendo assim, a identidade cultural não poderia ser considerada uma categoria fixa ou estática, pois estaria passando por constantes movimentos e poderia sofrer alterações à medida que mudam as configurações da sociedade, que incidem sobre elas.

Partindo desta reflexão de Hall, busca-se aqui repensar a noção de identidade, que estabelece um eixo de profundas discussões na época globalizada e midiaticizada⁴ em que vivemos. De centradas e fechadas, na contemporaneidade as identidades passaram a ser vistas como deslocadas e móveis. Atualmente, são encaradas por alguns autores como menos essencialistas e mais amalgamadoras, ou seja, seriam constituídas por mais de um repertório, sofrendo reconfigurações nas formas de identificação (HALL 2006).

De acordo com proposições teóricas que apontam nesse rumo, poderia-se trabalhar com a hipótese de um enfraquecimento das identidades individuais e até mesmo coletivas a partir de tantas mudanças sociais. Entretanto, diversos autores refletem que há juntamente com o impacto global um novo interesse pelo local. Portanto, frente às proposições que preconizam uma suposta homogeneidade, pode-se pensar numa articulação entre as noções de global e local, e não uma substituição ou uma massificação. As culturas particulares podem passar a existir com mais força e a travar uma negociação diária com novos referentes introduzidos por uma cultura global.

Desse panorama, entende-se que reconfigurações identitárias devem estar se processando, mas é necessário relativizar, e não chegar ao extremo assumindo não haver nada para além dessas mudanças. Ao passo em que alguns aspectos passam por inovações, outros podem estar sendo reforçados, e não apagados ou diluídos na contemporaneidade. Nesse sentido é possível pensar numa idéia de continuidade, e não de ruptura no processo das identidades. A questão local volta a ganhar espaço nas

⁴ De acordo com Mata, a midiaticização “constituiria, en cambio, un novo modo en el diseño de las interacciones, una nueva forma de estructuración de las prácticas sociales, marcada por la existencia de los medios” (MATA, 1999, p.85).



discussões teóricas quando alguns autores trabalham a idéia de um retorno dos fenômenos locais (HALL, 2006).

Acolhe-se proposições nesse sentido, entendendo que as identidades regionais e locais estão sendo reforçadas. À proposta de pesquisa ora apresentada, interessa refletir sobre a identidade regional gaúcha e a identidade cruz-altense, no âmbito local.

O cenário cultural e o regionalismo gaúcho

No que tange ao estado do Rio Grande do Sul, diante de um senso comum, reconhece-se um característico bairrismo², especificidade que podemos classificar como histórica. O gaúcho tem uma identificação com a cultura regionalista e apego às tradições, e para Hall (2006, p.47) uma das principais fontes de identidade cultural no mundo moderno são as culturas nacionais em que nascemos, sendo que “ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos ingleses ou gauleses ou indianos ou jamaicanos”. Essa proposta não objetiva entrar na discussão do mérito da formação cultural particular nem a partir de quando e como ela foi evidenciada ou explorada, mas trazer aspectos gerais, mesmo que ainda incipientes, mas que possam contribuir no entendimento acerca da questão cultural do estado.

Ao longo da história do Rio Grande do Sul, um aspecto que merece destaque é que desde o século XIX ocorreram movimentos culturais que visavam uma afirmação da identidade regional. As singularidades do estado, evidenciadas por esses movimentos culturais, foram evocadas a partir da década de 50 com o Movimento Tradicionalista Gaúcho, ganhando maior visibilidade. Além do MTG, outro fenômeno que merece registro nesta contextualização é o Movimento Nativista, que predominantemente musical, foi desencadeado pelo surgimento de festivais na década de 1970 e expandido na década de 1980 por todo estado. Através dele ocorreu, e ocorre, uma grande produção cultural relacionada a temáticas regionais.

Portanto, quando pensa-se no âmbito do Rio Grande do Sul, percebe-se que a identidade gaúcha encontra maneiras de conservar os símbolos identitários resgatados com o passar do tempo através de seus movimentos culturais. Como aponta Jacks (1998, p.13):

No Rio Grande do Sul, a perspectiva histórica de seus movimentos culturais demonstram que a busca pela afirmação da identidade

² O dicionário Aurélio (2003, p. 252) conceitua ‘bairrismo’ como algo que “diz-se de, ou pessoa que, levada por uma visão estreita do patriotismo, só considera como sua pátria o estado natal e hostiliza ou menospreza tudo quanto se refere aos demais”.



regional foi uma constante e perdura até hoje, mesmo sob o efeito forte e decisivo dos meios de comunicação de massa.

Tais elementos de reforço da identidade contribuíram para a formação de um discurso que coloca os sul-rio-grandenses em uma posição sócio-cultural diferenciada perante o restante do Brasil. A tradição política, marcada por guerras armadas e pelo enfrentamento ao poder central, a posição geográfica, com o Rio Grande fazendo fronteira com os países da Prata, e principalmente a significação do sujeito gaúcho, tido como audaz, destemido e peleador, romantizada e difundida por movimentos culturais, fazem parte deste contexto. Quanto a isso Ruben Oliven fala:

O que chama a atenção é como são recorrentes os temas que ocupam os gaúchos em períodos tão diversos. Há uma constante evocação e atualização das peculiaridades do estado e da fragilidade de sua relação com o resto do Brasil. O Rio Grande do Sul pode ser visto como um estado onde o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas novas. Mas, embora as conjunturas sejam novas e a roupagem dos discursos se modernize, o substrato básico sobre o qual estes discursos repousam é surpreendentemente semelhante. Nesse sentido, poder-se-ia afirmar que o gauchismo é um caso bem-sucedido de regionalismo, na medida em que consegue veicular reivindicações políticas que seriam comuns a todo um estado. A continuidade e vigência desse discurso regionalista indicam que as significações produzidas por ele têm uma forte adequação às representações da identidade gaúcha (OLIVEN, 1992, p.65).

Este discurso, presente no Rio Grande do Sul desde muito tempo, pode ser percebido também através de manifestações de orgulho do povo gaúcho. Manifestações essas que abarcam, ou parecem abarcar, as diferenciações identitárias locais, as referências relacionadas ao lugar em que os indivíduos vivem. Autores que tratam da identidade cultural gaúcha, como Jacks (1998), reconhecem que esta perpassa as demais identidades vivenciadas e assumidas pelo povo gaúcho, podendo inclusive contribuir no reforço da identidade proveniente do seu local de nascimento ou do local que escolheu para constituir sua vida.

Cruz Alta dentro do cenário cultural gaúcho através da Coxilha Nativista

Quando olha-se para Cruz Alta, cidade do noroeste gaúcho, em que situa-se a Universidade de Cruz Alta, e na qual a pesquisa será realizada, percebe-se uma grande identificação dos moradores com a identidade regional. Entende-se que a identidade regional articula-se com a identidade cultural cruz-altense, e que a Coxilha Nativista



pode estar contribuindo decisivamente nesta articulação, enquanto referencial para o estado, visibilizando o local em meio a um contexto regional. Dessa forma, a pesquisa iniciada pretende refletir sobre este evento enquanto espaço em que a identidade cultural cruzaltense pode estar sendo reforçada, buscando perceber se e de que forma o evento nativista contribuiu ao longo dos anos para o sentimento de orgulho local.

A Coxilha Nativista é um festival de música nativa realizado desde 1981 em Cruz Alta, sendo um dos mais antigos e respeitados no contexto cultural do Rio Grande do Sul. É o único festival nativista gaúcho realizado ininterruptamente desde sua criação, o que o torna referência para a cultura regional. Nesta pesquisa trabalha-se com a hipótese de que este evento contribuiu para o reforço e a legitimação da identidade local cruz-altense. Sendo referência no Rio Grande do Sul, torna-se motivo de orgulho aos que nasceram ou vivem em Cruz Alta e tem presente o nativismo enquanto modo de expressar e vivenciar a sua cultura.

O fato de Cruz Alta ser a realizadora da Coxilha Nativista, hipoteticamente confere aos seus moradores um sentimento de posse de tal festival, sentimento esse ressaltado na medida em que o evento adquire destaque por ter as características diferenciadoras do restante do estado. É nesta relação que trabalha-se com a hipótese de reforço e também de legitimação da identidade cruz-altense, visto a diferenciação que se tem perante os demais municípios e o sentimento de orgulho que essa especificidade gera ou pode vir a gerar.

A identidade local, como qualquer outra identidade coletiva, é construída e transformada na interação de grupos sociais através de processos de inclusão e exclusão que estabelecem limites entre os tais grupos, definindo os que os integram ou não. E esses limites estão em permanente mudança, podendo ser reforçados ou apagados com o passar do tempo (BARTH apud POUTIGNAT, STREIFF-FENART, 1998). No estudo que vem sendo realizado reflete-se que, ao se colocarem numa situação de alteridade em relação aos outros, os cruz-altenses têm a oportunidade de perceber as marcas que mais os distinguem e as que podem comprometer o seu reforço e a sua lealdade. Por fim, podem decidir por substituí-las, alterá-las ou reforçá-las de forma que continuem sendo reconhecidos pela diferença que os separa dos demais grupos.

Inúmeras são as reflexões possíveis a partir de um tema complexo como as identidades regionais e locais. Essa pesquisa quer avançar no entendimento da temática, buscando perceber de que forma, no caso da cultura gaúcha, a identidade sul-riograndense articula-se com a identidade local cruz-altense, verificando essa relação a



partir do evento nativista a fim de entender de que modo este importante festival, que é a Coxilha Nativista, pode imprimir uma diferenciação identitária e um consequente reforço e legitimação da identidade dos moradores de Cruz Alta. Nesse sentido, percebe-se também a importância da divulgação midiática local sobre o evento, aspecto este que estará presente nesta investigação, buscando refletir sobre como a mídia pode estar interferindo, a partir da cobertura que faz do festival, no orgulho que o cruz-altense tem de sua identidade.

Pesquisa de Campo

A partir do aprofundamento teórico que vem sendo feito em torno da temática, tendo em vista a necessidade de olhar de perto alguns dos processos envolvendo a identidade local e regional durante a realização da *Coxilha Nativista*, o método proposto para a pesquisa de campo é o da etnografia. Citada por Travancas (apud DUARTE, BARROS, 2010, p. 100) como “um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas e exige um ‘mergulho’ do pesquisador”, a etnografia permite uma aproximação com o objeto de pesquisa e uma observação de seus processos e atividades. A partir da autora, parte-se do princípio de que a etnografia divide-se em três partes: o levantamento bibliográfico e a leitura do material coletado, a elaboração de um diário ou caderno de campo e a inserção do pesquisador.

O diário é um item fundamental, onde são anotadas as observações a partir dos questionamentos sobre o tema. E a inserção do pesquisador no local da investigação permite encontrar uma infinidade de possibilidades e variáveis que, na realidade, estão mais relacionadas ao universo pesquisado do que ao método propriamente dito (TRAVANCAS apud DUARTE, BARROS, 2010).

A prática da observação tem uma raiz antropológica e consiste em observar e escutar. Nesse sentido,

...ousaria afirmar que a Antropologia é uma ciência da escuta. O antropólogo não determina verdades, não aponta equívocos, não pergunta por que as coisas não são diferentes. Ele ouve e procura entender quais são as verdades para aqueles “nativos” (grupo apontado como exemplo pela autora), quando e porque se enganam e muitas vezes se surpreende se perguntado por que as coisas na sua sociedade não são diferentes. (TRAVANCAS apud DUARTE, BARROS, 2010, p.102)

Diante disso, entende-se que a etnografia é o método usado para obter informações observando e participando do processo do grupo pesquisado, percebendo



seu ponto de vista, com técnicas de observação e as entrevistas ou questionários que se fazem necessários para confirmar as ações manifestadas.

As entrevistas, por exemplo, podem ser definidas pelo tempo, local e questões a ser abordadas. Travancas (apud DUARTE, BARROS, 2010) diz que a entrevista na pesquisa é aberta, ou seja, novas questões podem ser levantadas na ocasião, tanto pelo entrevistado, quanto pelo entrevistador. No entanto, toda e qualquer entrevista parte de um assunto escolhido, isso não impede aos participantes mudar o rumo da entrevista, uma vez que o objetivo da entrevista seja alcançado e as perguntas respondidas. Também, para essa pesquisa, será necessário recorrer a um questionário com perguntas fechadas, a fim de contatar com um número maior de pessoas participantes da *Coxilha Nativista*.

Assim, serão entrevistadas 50 pessoas escolhidas dentre o público do evento, através de questionário misto, com questões fechadas e abertas. Já a pesquisa semi-estruturada, a partir de pontos de reflexão, acontecerá com 6 músicos e intérpretes de outras cidades que vêm a Cruz Alta participar da *Coxilha Nativista*. A escolha desse número de entrevistados é justificada pela necessidade de aprofundamento, no caso da segunda técnica de entrevista. Já a primeira técnica permitirá uma percepção geral, oportunizando, portanto, o contato com um número maior de pessoas. Também será realizada observação durante os quatro dias do evento (realizado tradicionalmente na última semana do mês de julho, de quarta-feira a sábado), a fim de perceber elementos da identidade cruz-altense que possam estar presentes nos diversos momentos do evento, como por exemplo, nas letras de composições defendidas no palco, em personagens históricos de Cruz Alta homenageados através dos troféus, do discurso em torno da manutenção do evento como principal referência dentre os festivais nativistas do estado.

Ainda, na semana que antecede a realização da *Coxilha Nativista* será realizado o acompanhamento da cobertura midiática local referente ao evento, nos telejornais locais da RBS – Jornal do Almoço e RBS Notícias – veiculados pela RBS TV Cruz Alta, pela sua representatividade midiática, além dos jornais impressos da cidade por possibilitarem a organização de um arquivo de informações sobre as coberturas realizadas a respeito do festival.

Após a coleta de dados em julho de 2012, o processo de análise descritiva será fundamental para que se possa melhor avaliar e apresentar o que observou-se no campo. Maria Immacolata Vassallo de Lopes define análise descritiva da seguinte forma:

A descrição interliga a fase de observação dos dados e a fase de interpretação [...] a descrição constitui a primeira etapa da análise dos dados na pesquisa [...] é desenvolvida através da operação de análise descritiva e é feita em dois passos: o primeiro é constituído por procedimentos técnicos de organização, crítica e classificação dos dados coletados [...] O segundo passo abrange procedimentos propriamente analíticos que visam à construção dos ‘objetos empíricos’ e a reprodução do fenómeno nas condições de sua produção (LOPES, 2003, p. 149)

Já o processo de análise interpretativa será fundamental, pois só realizando uma reflexão mais aprofundada dos dados apresentados na análise descritiva é que poderemos enriquecer o debate a respeito da problemática proposta, sendo que a explicação ou interpretação “é a segunda etapa da análise e com ela a pesquisa atinge a condição própria de cientificidade. É a fase que envolve a totalização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa” (LOPES, 2003, p. 151).

Entende-se que através dessas técnicas será possível reunir elementos a fim de refletir se a *Coxilha Nativista* de Cruz Alta contribui para o reforço da identidade cruz-altense e sua conseqüente legitimação e de que forma isso acontece, além de reunir elementos para se pensar a atuação da mídia local nesse processo.

Considerações finais

É fato que as identidades culturais ao redor do mundo estão sendo transformadas por diversos fatores, como o rápido avanço da tecnologia, globalização, informatização, entre outros. Esta pesquisa busca olhar de forma mais aprofundada para a questão da identidade local no município de Cruz Alta e de que forma o evento *Coxilha Nativista* contribui para reforçá-la e legitimá-la. Pretende-se, a partir dos dados coletados, identificar a relação estabelecida pelos cruz-altenses entre o evento e a identidade local, além da forma como a mídia de Cruz Alta trata a questão.

O estudo mais aprofundado da relação e transformação ou consolidação da identidade cultural ajuda a entender as diversas transformações que a sociedade vem passando, principalmente nas duas últimas décadas, e que têm transformado as vivências cotidianas. Dessa forma, a reflexão proposta aqui será mais uma tentativa de entendimento da temática que se coloca tão importante na contemporaneidade.

Por enquanto, trata-se de uma proposta iniciada. Mas os resultados obtidos com o desenvolvimento desta pesquisa serão apresentados oportunamente, buscando somar-



se às reflexões relacionadas às identidades locais e regionais, contribuindo no debate das identidades contemporâneas.

Referências bibliográficas

BARTH, Fredrik. **Grupos Étnicos e suas fronteiras**. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Teorias da Etnicidade. São Paulo: UNESP, 1998.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JACKS, Nilda. **Mídia nativa. Indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Ed.UFRGS, 1998.

KRÜGER, Helmuth. **Notas sobre a Identidade Teuto-Brasileira**. Monografias Psicológicas, p.7-20. Rio de Janeiro: UFRJ, nº10/ novembro de 1995.

LOPES, Maria Immaculata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Loyola, 2003.

MATA, Maria Cristina. **De la cultura masiva a la cultura mediática**. Diálogos de la Comunicación. Lima: Felafacs, nº 56, p. 80-90, out. 1999.

OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil nação**. Petrópolis, Editora Vozes, 1992.